

O contexto da diáspora na construção da identidade cultural: a experiência do personagem José Viana, do romance *Sem Nome*, de Helder Macedo

Juliana Raguzzoni Cancian*

Índice

1 Introdução	2
2 Diáspora – Reflexões e implicações na construção da identidade cultural	3
3 José Viana, personagem de <i>Sem Nome</i> , e a construção da identidade cultural a partir de um contexto de diáspora	7
4 Considerações finais	11
5 Referências bibliográficas	12

Resumo

A diáspora, enquanto fenômeno de espalhamento dos povos, se efetiva em dois sentidos: diáspora pré-transnacional e diáspora transnacional, interferindo ambos sensível e diretamente na construção da

identidade cultural. Se o exemplo mais emblemático desse fenômeno está no *Velho Testamento*, quando Moisés conduz seu povo à Terra Prometida, contemporaneamente não cessam os exemplos em que se percebem eventos diaspóricos refletidos no modo de pensar, agir e atuar dos seres. Stuart Hall (2003) fala do processo como sendo um núcleo imutável e atemporal, que liga o passado ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta. Em outras palavras, a fidelidade às origens pode ser encarada naquilo que se diz acerca da tradição. Não apenas na História a diáspora está presente, como efeito da zona de contato, mas na literatura ela também aparece, interferindo nas personagens e na narrativa, e muitas vezes como força propulsora da história contada. José Viana, personagem do romance *Sem Nome* de Helder Macedo (2005), vive um contexto diaspórico, tal que aquilo que se tornou é resultado desta experiência. Viana liberta-se de seus temores, ao final da trama, ao retornar à pátria de origem: Portugal.

Palavras-Chave: diáspora, identidade, personagem.

*Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), especialista em Letras, Leitura e Produção Textual, pelo Centro Universitário La Salle, UNILASALLE, de Canoas (RS), especialista em Comunicação, Mercado e Era Digital, pela Universidade Paranaense, UNIPAR, professora do curso de Jornalismo da UNIPAR, campus Cascavel (PR), e da Faculdade Assis Gurgacz, FAG, Cascavel. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: julianac@unipar.br.

Abstract

The diaspora, while phenomenon of scattering of the peoples, is effective two-way: pre-transnational diaspora and transnational diaspora, intervening both sensibly and directly with the construction of the cultural identity. If the example most emblematic of this phenomenon is in the *Old Will*, when Moisés leads its people to the Promised Land, in this days they do not cease the examples where if they perceive reflected diasporic events in the way to think, to act and to act of the beings. Stuart Hall (2003) speaks of the process as being an invariant and atemporal nucleus, that binds the past to the future and the present in an uninterrupted line. In other words, the allegiance to the origins can be faced in that if it says concerning the tradition. Not only in History the diaspora is present, as effect of the contact zone, but in literature it also appears, intervening with the personages and the narrative, and many times as propeller force of counted history. José Viana, personage of the romance *Sem Nome* of Helder Macedo (2005), lives a diasporic context, such that what it became is resulted of this experience. Viana is become free of its fears when returning to the origin native land: Portugal.

Key-words: diaspora, identity, character.

1 Introdução

Diáspora significa o espalhamento dos povos, que saem de sua terra de origem para concretizar a vida em outros países ou em outros continentes. Seja de forma forçosa ou por opção própria, os povos que abandonam

sua casa jamais se desapegam das origens, e mantém através da tradição a cultura na qual nasceram. Isso se dá pela manutenção da língua, da religião, modo de pensar e agir. Mas essa cultura original, no contexto diaspórico, está em constante transformação, de maneira que novos costumes acabam sendo assimilados e interferem não apenas na identidade pessoal como na identidade coletiva, que por sua vez reflete a identidade cultural de determinado grupo.

Não totalmente desapegados da terra natal, aqueles que passam pela diáspora mantêm consigo o desejo do retorno, da volta ao local do nascimento. Muitos conseguem esse feito, outros constroem a vida mantendo essa esperança. De fato, parece que uma das implicações da diáspora está, além da hibridização cultural pelo efeito da zona de contato, no desejo de querer regressar ao ponto zero, por um processo consciente ou inconsciente.

A História, enquanto relato que preserva os acontecimentos ao longo do tempo, ou pelo menos uma versão desses acontecimentos, está cheia de eventos diáspóricos, seja no período de formação de colônias e ocupação dos espaços territoriais, ou modernamente, quando povos vão em busca de melhores condições de vida e trabalho em outros países. Mas não apenas ela é inconfundivelmente marcada pela diáspora. As histórias, significando relatos verdadeiros ou fictícios a partir de narrativas construídas por autores, também são influenciadas e encontram-se matizadas por este elemento que é próprio da vida, seja de pessoas ou de personagens.

José Viana, personagem de *Sem Nome*, romance do escritor português Helder Macedo, publicado em 2005, vive uma experiência diaspórica por cerca de três décadas. Essa experiência influencia na construção da iden-

tidade cultural dele e dos que estão na sua convivência. Viana também guarda consigo o desejo do retorno a Portugal, da onde foi afastado por motivos políticos à época da ditadura salazarista na década de 70. Ao final da narrativa, Viana está liberto de seus fantasmas, e a maior prova disso é poder retomar a vida em território luso. Mas já não é mais o mesmo, já que foi moldado à luz da mistura de antigos e novos costumes, de antigos e novos sentimentos. Acerca da diáspora e do personagem José Viana falaremos daqui para frente.

2 Diáspora – Reflexões e implicações na construção da identidade cultural

Talvez o exemplo mais emblemático do conceito de diáspora possa ser resgatado da História e, ainda que longínquo, mostra-nos de maneira representativa que tipo de reflexões podem ser emprestadas ou transpostas para os dias de hoje em plena era de troca cultural e da chamada hibridização no mundo global. Trata-se de uma cena bíblica do *Velho Testamento*, em que o chamado “povo escolhido”, levado à escravidão no Egito, é guiado pelas mãos de Moisés em caminho à Terra Prometida. É uma narrativa de libertação, que fala sobre algo especificamente humano, seja em que tempo for: a crença na redenção, a fuga da opressão.

Em pleno século XXI a imagem da diáspora pode ser resgatada. Desde os modelos coloniais, em que Nações-Estados constituídas buscaram a formação de verdadeiros impérios pela apropriação e ocupação de terras no Novo Mundo, ou mesmo em outros continentes, como o africano; até as correntes

migratórias atuais, em que povos do terceiro mundo, em especial, buscam novas e melhores condições de vida em países desenvolvidos; aí está a diáspora. No primeiro caso, parcelas das sociedades foram mandadas das metrópoles para as colônias para encabeçar a tarefa da ocupação dita civilizatória. Esse processo foi seguido, tempos depois, das reocupações dos espaços pelos escravos negros, após as nações locais terem sido dizimadas por diversas razões (trabalhos forçados, guerras contínuas, doenças desconhecidas para os nativos e trazidas pelos brancos europeus). Já no segundo, a complexa rede mundial de formação de blocos mandatários de modelos econômicos subjuga os mais fracos, impelidos a buscar alternativas de sobrevivência e trabalho em outras terras que não as suas de origem.

Dentro desse quadro, o modelo caribenho, exposto no artigo *Pensando a Diáspora – Reflexões sobre a terra no exterior*, de Stuart Hall (2003), é também exemplo do que se disse. O artigo, publicado em *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, foi escrito a partir de uma palestra apresentada como parte das comemorações do quinquagésimo aniversário de fundação da University of the West Indies (UWI), realizada no campus de Cave Hill, Barbados, em 1998. O artigo fala sobre as experiências diaspóricas tanto de africanos inseridos como escravos no Caribe pela colonização britânica, quanto de afro-caribenhos que migraram para Londres (ou para o Canadá, ou Estados Unidos) e lá constituíram nova vida, compondo uma minoria étnica que se identifica com as comunidades britânicas negras. Em todo o caso, para aquele que muda de lugar, há sempre um forte sentimento de identificação com a cultura de origem, mantida através de cos-

tumes, crenças, língua ou sentimento de querer, um dia, retornar.

Os assentamentos negros na Grã-Bretanha não são totalmente desligados de suas raízes no Caribe. O livro *Narratives of Exile and Return*, de Mary Chamberlain, que contém histórias de vida dos migrantes barbadianos para o Reino Unido, enfatiza como os elos permanecem fortes. Tal qual ocorre comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada – como rede e local da memória – constitui o canal crucial entre os dois lugares. Os barbadianos, sugere ela, têm mantido vivo no exílio um forte senso do que é a “terra de origem” e tentado preservar uma “identidade cultural barbadiana” (HALL, 2003, p. 26).

A essa altura torna-se necessário definir de forma mais específica a questão da diáspora. Thomas Bonnici (2005), em *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*, expõe a origem epistemológica do termo. Do grego, *diasporein*, a palavra significa semear, a dispersão das pessoas. As pessoas diaspóricas são aquelas que vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, mas a origem se mostra ainda enraizada pela língua falada, religião adotada, ou culturas produzidas. Gayatri C. Spivak distingue entre duas possibilidades: a diáspora pré-transnacional e a diáspora transnacional. Elas seguem, como explicaremos, as tendências já mencionadas anteriormente:

A primeira aconteceu quando aproximadamente onze milhões de escravos entre os séculos 15 e 19 foram deslocados

de suas terras e colocados nas Américas para trabalhar nas fazendas do Novo Mundo. A diáspora transnacional inclui trabalhadores de *indentured labour* no século 19, e deslocamentos contemporâneos por causa da fome, guerra civil, desemprego, prostituição, sedução do mundo industrializado (SPIVAK *apud* BONNICI, 2005, p. 23).

Explica-nos Bonnici (2005) que essa diáspora chamada transnacional pode ter a direção Sul-Norte, envolvendo caribenhos, africanos e asiáticos que emigram às antigas metrópoles para trabalhar; e uma direção intra-continental, causada pela fome. Como exemplo dessa última tem-se o caso dos retirantes brasileiros que saem do Norte ou Nordeste em direção ao Sul ou Sudeste do país, especialmente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de emprego.

Seja no modelo bíblico, no caribenho ou no brasileiro, o espalhamento dos povos, ocorrido por motivos diversos, parece carregar consigo algo em comum: em todos se percebe a promessa do retorno redentor, que nem sempre acontece, mas que se enraíza na mente das pessoas como um apego inquebrantável ao lugar de nascimento e uma forma de se pensar na superação dos problemas mais imediatos pela possibilidade de um dia, quem sabe, voltar à origem.

Hall fala, acerca disso, da formação de uma concepção fechada de “tribo”, diáspora e pátria. Segundo o autor, possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. “Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença

consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’” (HALL, 2003, p. 29).

De qualquer forma, é difícil não compartilhar da posição do crítico, no sentido de que a identidade cultural nesses termos se trata de um mito, a moldar imaginários, ações, e mesmo, a partir disso, conferir significado a vidas e a histórias. O poder redentor desses mitos está no futuro, por isso Hall os define como aistóricos, isto é, ainda estão por vir, e ao mesmo tempo alimentam a necessidade de esperança de um povo. Mas se a estrutura dos mitos é cíclica, com retorno às origens, na História frequentemente temos os significados transformados. Aí se inicia o paradoxo: a diáspora interfere na identidade cultural dos povos, de maneira que não se pode concebê-la mais como apenas linear, sucessiva, como em processos analisados sob o viés da História corrente; ou cíclica, como nos mitos. Em verdade, os povos, e tudo que os representa, não começam nem terminam em fronteiras facilmente distinguíveis e, nesse contexto, nossos vizinhos acabam tendo um papel fundamental na construção do ser que somos. O sentimento de pertencer é algo móvel, não estanque, construído, segundo Benedict Anderson *apud* Hall (2003, p. 26), a partir de um “sujeito imaginado”, que por sua vez faz parte de uma “comunidade imaginada”, que está sempre em jogo.

É inegável que a sobrevivência se ancora em manter esperança em algo. Mas quando se trata de pensar as influências da diáspora na identidade cultural, é preciso delimitar que:

(...) Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra

pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. (...) Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas (HALL, 2003, p. 30).

Nesse contexto, a diferença, no sentido de Derrida *apud* Hall (2003, pág. 33), *différance*, se faz presente. Ela não está posta apenas num sentido binário, como alertou o filósofo, já que isso seria limitador do próprio entendimento do que é a diáspora e de suas conseqüências na identidade. Portanto, não se trata de dois pólos apenas de oposição: a identidade colonizadora e a identidade colonizada, mas de identidades culturais construídas segundo significados e posições sempre relacionais e em constante transformação. O pano de fundo que possibilita essa mistura cultural, o hibridismo, é composto justamente pela existência de uma zona de contato, nos termos de Mary Louise Pratt (1999), que possibilita maior ou menor fusão de elementos culturais de todos os tipos: africanos, asiáticos, europeus, americanos:

(...) aquilo que chamamos ‘zonas de contacto’, espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos praticados em todo o mundo (PRATT, 1999, p. 27).

Esse hibridismo resultante da zona de contato, como expressa a autora, não é livre de

tensão. Ao contrário, está inscrito em relações de poder, representadas pelo próprio colonialismo, seja ele de que tipo for, pré-transnacional ou transnacional. São momentos de entrelaçamento de valores, culturas, idéias, políticas, religiões, etc., e combinações que estão sempre em processo de negação, assimilação, revisão, reapropriação.

Nesse contexto de subordinação versus insubordinação, a cultura se renova, se amplia, bem como a identidade cultural do povo submetido a essa trocas. Outros sujeitos são construídos, e esses novos que surgem tem seu imaginário reformulado, remoldado à luz da zona de contato. O fato é que essa intersecção cultural e identitária propiciada no plano físico-geográfico pela diáspora, pelo dispersamento dos povos que saem de sua terra de origem e passam a viver noutra, não faz com que haja o abandono das origens. A origem se mantém, mas também se mistura na nova situação de vida apresentada. Mas há também, para muitos, o sonho, como já dissemos, do retorno e, quando aposentados, alguns conseguem fazê-lo. Entretanto, o sentimento de pertencimento a um lugar também se transformou e a dificuldade de uma readaptação ao primeiro lar nem sempre é fácil ou direta, imediata, talvez até impossível.

Mary Chamberlain, citada por Hall, coletou depoimentos de migrantes caribenhos no Reino Unido, e seus entrevistados falam de forma eloqüente da dificuldade sentida por muitos dos que retornam em se religar a suas sociedades de origem:

Muitos sentem falta dos ritmos de vida cosmopolita com os quais tinham se aclimatado. Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais

e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente (CHAMBERLAIN *apud* HALL, 2003, p. 27).

Uma sensação de deslocamento profunda, que parece não cessar mesmo quando há o regresso. Sobre isso se tem que:

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da “floresta de signos” (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (“reliquias secularizadas”, como Benjamim, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos... (CHAMBERS *apud* HALL, 2003, p. 27-28).

Esse é justamente um dos motivos que nos obriga a pensar a diáspora numa concepção mais ampla, numa reflexão em que está inconfundivelmente presa à construção

de identidades culturais. Sair de casa, mudar de lar não pode ser entendido apenas como processo histórico linear ou, como nos mitos, processo cíclico, como já se disse. E o mesmo se pode dizer do retorno ao ponto de partida. A diáspora muda os que saem, os que já estão e os que ficaram.

(...) a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. (...) Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem por nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

Identidade e cultura estão assim de tal forma imbricadas que é impossível separá-las, e essas reflexões vem mais claramente à tona quando se enfatiza um processo diaspórico.

3 José Viana, personagem de *Sem Nome*, e a construção da identidade cultural a partir de um contexto de diáspora

O personagem José Viana, do romance de Helder Macedo (2005), *Sem Nome*, não é

protagonista. A história toda se passa na Portugal recente, em torno de uma jovem jornalista chamada Júlia de Souza, de nome completo Maria Júlia Moraes Teixeira de Sousa Bernardes, que em uma rápida viagem a Londres se vê envolvida numa confusão com a polícia alfandegária daquele país. Ainda no aeroporto, Júlia é parada para interrogatórios após perceberem que seus documentos (passaporte e identidade) apontavam que ela tinha 56 anos de idade, quando na verdade sua aparência e fotos revelavam a idade exata: tratava-se de uma moça de 26. O que era para ser um engano passageiro complicou-se quando Júlia, sem entender o que se passava, insistiu em dizer que aquela da foto era ela e que os documentos eram seus e mais, que não havia nada de errado com eles.

Chamada a uma inspeção íntima e a prestar esclarecimentos Júlia apavorou-se, e recorreu ao direito internacional nessas horas de aflição. Pediu para dar um telefonema e a pessoa que chamou era o renomado advogado José Viana, português de nascimento, como ela, mas que há 30 anos residia em Londres. Viana atendeu ao chamado, pois a polícia lhe disse que uma certa Marta Bernardo estava à sua espera. A confusão acentuou-se com essa troca de nomes, provavelmente um “t” no lugar de um “i” (Maria-Marta) e um “o” no lugar de “es” (Bernardes-Bernardo), erros comuns de escrita nos documentos, até fáceis de serem corrigidos, mas que nem sequer foram notados por Júlia.

Inicia-se o ponto chave da trama macediana. Uma Marta Bernardo havia sido amante de José Viana, quando ambos eram camaradas do Partido Comunista Português (PCP) na década de 70. Chegaram a viver juntos por algum tempo, e a fazer planos de uma vida a dois. Viana era, àquela época, estu-

dante de Direito, portanto da chamada ala intelectual do Partido. Marta era secretária de uma firma, de origem mais humilde. Havia chegado ao Partido por vias mais difíceis, era da classe operária, embora criada numa família sem grande consciência política nem tampouco predisposta a heroísmos. Eles se conheceram por acaso, depois de Marta ter saído da prisão. Ela fora pega pela Pide¹, interrogada, torturada, estuprada, e, como nada tivesse revelado sobre os demais camaradas, solta por falta de provas. Aquela jovem moça à sua frente no aeroporto, portanto, não poderia ser a Marta que Viana conheceu. Mas era de fato de aparência física, e ainda por cima tinha como residência em Lisboa o mesmo endereço que Marta e Viana tiveram quando estavam juntos: um apartamento à Rua do Barão, quinto andar.

Viana resolve-se com a polícia local, liberando Júlia da inspeção íntima e fazendo um acordo com as autoridades: ela voltaria no mesmo avião e corrigiria os documentos tão logo chegasse em Portugal. Mas a dúvida permaneceu, afinal tudo teve de ser acertado rapidamente. Quem era aquela moça? Seria a Marta? Mas como isso era possível? Sua filha? Não. Viana sabia que Marta havia ficado estéril após as torturas no cativoiro. E como aquela mulher tinha seu telefone em Londres? Viana e Júlia, ou Marta, ou fosse quem fosse, trocaram e-mails, iriam se corresponder brevemente.

Embora a personagem central, como se disse, seja Júlia, que logo descobre que a fantasia é possivelmente mais saborosa que a realidade, e vive a sonhar ser outra pessoa,

¹ Pide: Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Era a polícia política em Portugal na época da ditadura.

a Marta, e a construir enredos e desfechos como se estivesse a escrever um romance, a história em torno do qual ela tece possibilidades é a vida de José Viana. Este, pela classificação proposta por Edward M. Foster em *Aspectos do Romance* (1974), situa-se como personagem plana. Seguindo ainda pela linha de Antônio Cândido (2002), que propõe uma ampliação da dicotomia personagem plana e redonda, com uma nomenclatura para casos em que a personagem plana pode ressurgir em outra narrativa e tornar-se redonda, portanto “personagem plana com tendência a redonda”, nos termos do crítico, Viana torna-se mais concreto. Sua representação textual está sujeita a um tal aprofundamento, ainda que apenas no final da narrativa. Trata-se de alguém cujas relações são previsíveis ao longo da história, mas com uma abertura calculada pelo autor ao final.

Viana constrói sua vida diante de uma experiência de diáspora e sua identidade cultural está marcada por esse fato. O personagem formou-se bacharel e teria de fazer-se recruta, em preparação para os prescritos quatro anos como oficial miliciano em uma guerra que considerava sem razão e sentido, em que os opressores também eram oprimidos. No regimento dizia-se das possibilidades: Guiné, Angola ou Moçambique. Estando em guerra, os militantes deveriam subvertê-la internamente, e encorajar a todos a desertar. Viana preferiu a possibilidade que não estava nas cartilhas do Partido: ele próprio desertar. Pegou um cargueiro para a Roterdã e fugiu em 2 de junho de 1972. Deixou uma série de avisos para encontros às escondidas com Marta, para contar sobre a viagem. Todos deram errado, e ele partiu sem dizer à sua amante para onde. Apesar de algumas tentativas de reencontrá-la, inclusive

através do PCP, e de um retorno breve a Lisboa em 1974, antes da Revolução dos Cravos em 1975, Viana nunca mais soube de Marta Bernardo. Talvez ela tenha sido presa, novamente torturada, morta. Talvez simplesmente tenha preferido a fidelidade partidária ao amor. Nunca mais se viram até o episódio no aeroporto.

Não saber o que foi feito de Marta era algo insuportável para José Viana. Apesar de ter-se tornado um advogado respeitável e de sucesso em Londres, onde defendia imigrantes portugueses comprometidos com irregularidades diante do fisco, e só a compatriotas, o “senhor doutor” como era chamado por todos, não se recuperou. A culpa de ter deixado Marta, de ter desertado, de ter abandonado seu país o consumia. Mesmo após empreitar a fuga clandestina, continuava perceptivo quanto ao destino político português. Em correspondência trocada com Júlia de Souza ele revela nunca ter deixado de estar atento aos acontecimentos de seu país de origem:

[...] Estava nisto quando anunciaram na rádio a notícia do novo governo em Portugal. E na manhã seguinte, sábado, a notícia da morte de Maria de Lourdes Pintasilgo. Não teria sido causa e efeito, mas a justaposição retrospectiva fazia com que passasse a ser, como narrativa histórica. Nunca inteiramente desatento à vida política portuguesa, sempre nostálgico dos seus anos de militância, tinha ido ouvi-la quando ela falou em Londres no Institute of Contemporary Arts, nos anos oitenta. Uma religiosa a querer corrigir as injustiças de Deus na matéria do mundo. O oposto da secular Thatcher, então no poder, a relegar os injustiçados do mundo

para o reino dos céus (MACEDO, 2005, p. 117).

Um trecho que antecede essa passagem revela que, após o encontro com Júlia de Souza no aeroporto, Viana vai a Lisboa, tentar entender a série de enganos, e se eram mesmo enganos:

[...] E ele, em vez de ficar em Londres muito quietinho a rir-se de si próprio e dos seus involuntários símbolos, foi literalmente a Lisboa para tentar abraçar fantasmas simbólicos. E saiu de lá com o pensamento fixado na linda menina e num agrupamento político com o nome, está-se logo a ver, de Renovadores [...] (MACEDO, 2005, p. 116-117).

A lembrança do amor vivido não lhe escapa da memória, ou a culpa de a ter deixado. Além disso, a ideologia com a qual esteve envolvido na juventude ainda permanece presente em Viana, embora a vida que tenha construído para si seja algo formal, diria-se até comum, tradicional. Na seqüência desta passagem, percebe-se que, ao retornar a Londres e tentar retomar sua rotina como advogado, freqüentando locais comuns aos juristas londrinos, os pensamentos começam a saltar-lhe. Poderia mesmo continuar ou deveria regressar a Portugal vez por todas?

Não ia ao Wig e Pen desde a semana anterior ao incidente no aeroporto. Decidiu ir. Porta fechada e explicação num edital colado à porta que deixara de existir. Assim de repente. O mundo a colapsar à sua volta. Racionalizou: não, o passado a abrir espaço para o futuro. Tinha de despedir a secretária. Estava farto do monco

caído de sua malsofrida dedicação resignada. Largar tudo e mudar-se para Lisboa? Pegou num papel e começou a fazer contas. Valor do apartamento, valor do escritório em Aldwych, conversão de tudo isso em euros, preços prováveis de casas em Lisboa. Ou Sintra. Ou Cascais. Tinha de se informar melhor (MACEDO, 2005, p. 117).

Essas possibilidades de retorno à antiga vida e ao país de origem tornam-se mais próximas para Viana após um relatório recebido de Júlia, onde uma morte trágica, cheia de detalhes e falsas testemunhas foi arquitetadas por Júlia. Era a jornalista a brincar de fazer romance. Viana acredita na história contada por ela, ou quer acreditar para colocar um ponto final a uma busca de três décadas. Portugal começa a ser novamente um lugar para Viana, um lugar que de fato ele nunca se separou.

A História ensina-nos que todas as restaurações são fantasmáticas. Visam sempre impor o passado no presente. Por exemplo, o Portugal que foi restaurado em 1640 já nada tinha a ver com o país que houve até 1580. Não me lembro quem foi que disse que Os Lusíadas não são uma celebração mas um epitáfio. O novo país que herdou o nome do outro que tinha havido sobreviveu vendendo pratos que sua gente encontrou nos escosos da casa. Depois ficou sem mais para vender além da sua gente. Por isso levou muito tempo até se tornar no modesto país que de facto pode ser. Que é mais ou menos o que *somos* agora. *Fui* comunista porque acreditei na nossa gente. Deixei de ser comunista quando

deixei de acreditar em mim. Mas ainda me lembro de quando acreditava (MACEDO, 2005, p. 123 – grifo nosso).

E num trecho mais adiante, o próprio Viana novamente diz estar a fazer restaurações do que foi e do que é, buscando um elo entre o presente e seu passado: “E sim, foi por isso que fui a Lisboa, por causa das restaurações [...]” (MACEDO, 2005, p. 128).

Ao final do livro o personagem toma a atitude que os leitores já tinham por previsível. Ele retorna a Portugal, país do qual nunca se separou de fato, por razões emocionais, familiares, político-ideológicas. A estada em Londres interferiu na sua identidade cultural, mas realmente parece ser reincidente que aqueles que vivem num contexto diaspórico construam para si o mito do retorno às origens. Em *Sem Nome* o retorno concretizou-se de fato. Em um diálogo travado com uma personagem secundária, Viana escuta sobre seu retorno. Parece comum que se associe um retorno à idade avançada, que chega mais dia menos dia. Viana sabia, entretanto, que não voltava pela idade, mas porque agora, com a mentira de Júlia, assumida por ele como verdade, sentia-se liberto para voltar.

“Mas então o José Viana vai regressar a Portugal? Palavra que nunca pensei. Só lhe digo que Londres não vai ser a mesma coisa, o colega vai fazer cá muita falta. Mas suponho que a idade chega a todos nós, compreendo perfeitamente”. [...] A verdade é que há muito se não sentia tão bem, com tanta energia, tão jovem, tão activo (MACEDO, 2005, p. 171).

E mais: “Era por isso que podia finalmente voltar para Portugal. Tinha sido um longo

desterro, uma longa viagem, uma perigosa peregrinação. Podia voltar com ou sem renovadores” (MACEDO, 2005, p. 173).

Viana retorna após o exílio político. Mas, como já se disse, a História não é cíclica, nem linear. A experiência diaspórica de Viana interferiu em sua identidade, no homem que passou a ser, e nas pessoas que conviveram com ele. Uma mentira pregada por Júlia de Sousa bastou-lhe para que pudesse aceitar o passado, conformar-se com ele, sem nunca tê-lo de fato abandonado. Estava agora finalmente “pacificado” (MACEDO, 2005, p. 174).

Não se sabe pela narrativa do Viana que passou a existir após a volta a Portugal. Sabe-se apenas da Júlia que passou a existir após o contato com o advogado. Uma mentira contada lhe traz à tona uma certa vontade de fazer diferença enquanto jornalista, uma certa consciência política que não tinha antes, uma vontade de fazer como seu mestre no jornal, o jornalista que a inspirava, Carlos Ventura. Júlia ocupa o lugar do mestre quando este é demitido, e se todos a tomam por jovem ingênua e desligada, ela planeja escrever exatamente as mesmas críticas sociais que Ventura, mas numa outra roupagem, com outra linguagem. Quando todos se derem conta, já estava. A mensagem já se tinha saído no jornal. Júlia também saiu “pacificada”, também não era mais a mesma após o encontro com Viana.

4 Considerações finais

Parece natural que José Viana tenha mantido ao longo da narrativa desejos conscientes e inconscientes de retornar à terra de origem (no que diz respeito ao processo diaspórico já se viu ser isso bastante comum). Desejos

que são colhidos e percebidos tanto em mensagens diretas quanto em mensagens subliminares pelos leitores de Macedo. Ao final do livro, Viana concretiza essa possibilidade pela libertação que a mentira da jovem jornalista Júlia de Sousa lhe causou. Uma mentira ‘pacificadora’, como o personagem descreveu, que o permite regressar e retomar a vida deixada para trás.

Certo, entretanto, apesar de não se ter escrito a trajetória que passou a ser para Viana, é que este não é mais o mesmo, e isso sim fica evidente na construção textual. Aquele que busca ‘restaurações’ do que foi teve sua identidade marcada pelo tempo em que viveu fora de seu país e, mesmo retornando a Portugal, os reflexos do que passou na Inglaterra não se afastarão agora. Viana é outro, pacificado por uma mentira, mas outro. Antes de retornar, o advogado, que nunca se libertou completamente das experiências portuguesas, agora demonstra que também não se libertará das londrinas. Isso faz parte do seu novo eu:

Começou um inusitado passeio a pé ao longo do Tamisa, ali ao lado, a dois passos do Aldwych e dos Royal Courts of Justice. Eram anos sem ir ver o rio, anos em que o olhava sem o ver. Mesmo a grande roda de feira popular que agora dominava a vista só tinha dado por ela de longe, de dentro de um táxi ou do carro. Até era bonita, beneficiava o rio (MACEDO, 2005, p. 171).

Mas não apenas Viana mudou pela experiência na zona de contato. A própria Júlia, que o conheceu nessa vivência de diáspora, e depois passou a se corresponder com o advogado, saiu diferente. A mentira que

contou a fez perceber algumas coisas sobre a vida, a fez perceber que a vida também fazia coisas com ela. Brincar de inventar desfechos lhe proporcionou entrar mais a fundo na História em torno dela, de Viana, do país, e das conjunturas políticas atuais. Passou a ser uma jornalista mais historicizada e o reflexo disso colocaria nos seus futuros textos, aproveitando-se da fama de menina boba, ingênua, que era o que todos pensavam dela. Fica evidente que mesmo com retornos, a cena primária não será mais a mesma: “Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [*between*] [...] (CHAMBERS *apud* HALL, 2003, p. 27-28). Nossos vizinhos realmente acabam tendo um papel fundamental na construção do ser que somos.

5 Referências bibliográficas

- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. In: BONNICI, T. Coleção Fundamentum, n° 12. Maringá: Eduem, 2005.
- CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 10ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- FORSTER, Edward M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- HALL, Stuart. *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- MACEDO, Helder. *Sem Nome*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- PRATT, M. L. *Os olhos do império*. Bauru: USC, 1999.